
Leslie Caron

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



**ALBUM DOS ARTISTAS**

**(2.° Volume — Fasc. 17)**

**Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa**





# Leslie Caron

## a feia mais bonita do cinema



ORLY — o aeroporto francês construído ao terminar a última Guerra Mundial, para assegurar o tráfico com a América é um aeroporto cosmopolita, quase uma torre de Babel. Em cada cinco minutos desloca um avião para as cinco partes do mundo. A estação, os vestíbulos, o bar, as salas de espera, estão sempre repletas de gente que fala todas as línguas. Velhos que emigram para se reunirem a seus filhos ou parentes que conseguiram fazer fortuna na América. Jovens cheios de esperanças, turistas que vão conhecer novos mundos, homens de negócios sempre inquietos e nervosos, políticos eminentes, etc.

Entre toda esta multidão, uma mãe e uma filha. A mãe é ainda jovem e bela. Alguém disse: «parecem irmãs». A filha tem vinte e um anos; é morena, não muito alta: mede 1 metro e 53 centímetros de altura e pesa 55 quilos.









**À esquerda: Pode-se dizer que a paixão pela dança nasceu em Leslie Caron com a força irreprimível que tudo vence. Era ainda uma criança quando sua mãe lhe descobriu as primeiras tendências para a arte de Terpsicore. Para não contrariar a vontade do pai, que se opunha ao estudo das danças clássicas, Leslie cumpriu brilhantemente o seu curso superior. No entanto, todas as noites sonhava com o mundo estranho e irreal da dança, como se visionasse já a sua figura graciosa deslumbrando o mundo com a sua leveza de cisne...**

A rapariga sorri satisfeitíssima. Os seus olhos negros fixam-se com vivacidade no horizonte, como que denunciando que se aproxima a grande aventura da sua vida.

Tudo sucedeu como num conto de fadas. Mas, como em todos os contos da vida real, não faltam as lágrimas...

Os olhos da mãe estão húmidos, como pouco antes estiveram os do pai, o engenheiro químico Claude, que 25 anos atrás desposara uma célebre artista americana.

O avião prepara-se para descolar e enquanto Leslie se afasta, com a alma carregada de ilusões, a senhora Margaret — assim se chama a mãe da jovem — vê desfilar na sua própria mente todos os principais acontecimentos da sua mocidade. Recorda-se nitidamente que em...

★

1918. Terminou a primeira guerra mundial. Os soldados americanos regressam ao seu país e desfilam vitoriosamente pela imensa Quinta Avenida. Margaret, jovem bailarina do teatro Metropolitano de Nova Iorque, participa nas aclamações dos que saúdam o regresso dos jovens soldados.

Após o desfile, a jovem, acompanhada por várias amigas, dirige-se para o local onde se realiza uma festa de sociedade, com a presença de muitos oficiais do exército vitorioso. Entre estes, figura Lewis Smith, tenente do exército, noivo de uma das companheiras de Margaret.

O baile começa. Mas, a um canto do salão, um jovem de aspecto algo tímido, mas com certa personalidade intelectual, mantêm-se afastado do bulício juvenil.

Lewis chama Margaret e leva-a até junto do solitário companheiro.

— Apresento-te o meu amigo Claude Caron, engenheiro francês que nos serviu de intérprete durante a nossa estadia na Europa. É um magnífico companheiro. Considero-o hoje o nosso convidado de honra.

Margaret dançou com o jovem engenheiro francês. Quase imperceptivelmente, o seu coração começou a apiedar-se pelo

**Gene Kelly — actualmente considerado o mais talentoso e completo bailarino do mundo, — descobriu Leslie Caron por acaso num teatro de Champs Elysées. Mas teve de passar por muitas peripécias até conseguir convencê-la a partir para Hollywood**



**Leslie Caron percorreu o mundo inteiro com a famosa companhia de «ballet» de Roland Petit, colhendo os mais calorosos aplausos de admiração e entusiasmo pela sua graça incomparável**





estrangeiro que desconhecia a grande urbe novaiorquina.

Convidou-o a conhecer os aspectos mais interessantes da cidade. Claude não faltou à ópera, nem perdeu uma sequer das representações do Teatro Metropolitano, onde trabalhava Margaret.

Entre ambos irrompeu um ardente idílio que acabou em boda. E do casamento da bailarina americana com o intelectual francês nasceu Leslie Caron.

★

Simpática, cheia de optimismo e de juventude, Leslie trava ràpidamente amizade com os outros passageiros do avião que segue com destino a Nova Iorque.

O seu sorriso suscita a simpatia de toda a gente a bordo, desde o circunspecto capitalista que pensa nos seus negócios, até à viúva americana que veio à Europa para quebrar a monotonia da sua solidão.

Convidada a provar todos os saborosos manjares que servem no «Constelattion», Leslie Caron nada recusa. A mais insignificante manifestação de simpatia, comove a sua delicada sensibilidade. E, enquanto recosta a cabecita morena no espaldar do «maple», relembra toda a sua vida antes de ter embarcado no aeroporto de Orly.

Veloz, a imaginação de Leslie Caron leva-a ràpidamente de novo a Paris. E, como se ainda não tivesse partido, a jovem vê outra vez a sua casa na Rua da Paz, a artéria mais elegante da capital francesa. Vê o laboratório de seu pai e recorda-se de... Não, não vale a pena lembrar — pensa Leslie.

Mas a saudade obriga-a a derramar duas lágrimas de saudade, que se transformam quase em choro quando a jovem sente que já não tem a seu lado a vontade tenaz de sua mãe, a quem deve toda a sua carreira.

Leslie deixa-se conduzir pela imaginação até aos primeiros anos da sua infância. Tinha então cinco anos. Uma noite, seus pais deixaram-na estar acordada até mais tarde do que o costume, envolvidos numa enérgica discussão:

— Porque te opões, Claude? — perguntava a mãe ao pai. — Quero que Leslie aprenda dança clássica. Depois, escolherá o que quiser. Não me importo que abrace a advocacia ou que se dedique a outra actividade intelectual. A dança clássica não constituirá um obstáculo na sua vida, antes lhe propor-

**À direita: Eis três imagens de «Um Americano em Paris», filme que chegou a ser apontado como a obra máxima do espectáculo musical. Na verdade, tratava-se de um verdadeiro prodígio de arte e beleza, a cujo deslumbramento ninguém se podia furtar**









**Apesar do triunfo alcançado, Leslie não deixou de ser uma rapariga simples. Em casa, cuidava da cozinha, da roupa, de decoração e inclusivamente das próprias casas de seu irmão Claudis. E nem de longe se sentia humilhada com o facto deste ter na Metro o modesto emprego de criado**

cionará graça e agilidade e até lhe ensinará ad isciplinar o espírito. De resto, estou convicta de que Leslie gostará de saber dançar. Não vês como procura escutar os concertos de música?

— Sim, mas não quero que se distraia demasiado. Prefiro vê-la trabalhar na escola. Os livros também despertam a inteligência — replicou irònicamente Claude.

— Não gostaste de mim? — perguntou Margaret com subtil ironia.

— E continuo a gostar!

Claude deu-se por vencido e Leslie ingressou na Escola de Dança da ópera de Paris, onde teve professores excelentes: Volinini, Knasieff, Solange Schwartz.

Graças ao seu espírito eclético, Leslie não abandonou os estudos, frequentando todas as manhãs o Convento de Nossa Senhora da Assunção.

Aos 15 anos, enquanto as suas companheiras de colégio apenas pensavam no dia do seu primeiro baile, ela concluia brilhantemente o seu curso superior.

Abordou o pai:

— Sabes que me prometeste um presente no dia em que terminasse o curso?

Claude esperava que a filha lhe pedisse um relógio de pulso ou um vestido de Maggy Rouff, uma das melhores costureiras de Paris. Mas Leslie exteriorizou uma pretensão algo inesperada:

— Quero ingressar no «Ballet des Champs Elysées». Já prestei provas perante o director e fui aceite.

O pai mostrou-se indignado:

— Como te atreveste, minha filha? Pede-me o que quiseres: um automóvel, uma viagem a Itália...

— Já te demonstrei que sou apta para qualquer profissão intelectual, mas quero ser bailarina.

Claude Caron, no pior dos casos, teria concordado com o ingresso da filha no Corpo de Baile da ópera, mas nos «ballets» de Roland Petit — nem pensar nisso!

Roland Petit tinha concepções muito pessoais acerca da dança. Não a queria geométrica, de estilo «directo». Interessava-se especialmente por ser um renovador com uma posição intelectual definida. Alguns dos seus «ballets» tinham sido chamados de «existencialistas», por se basearem no problema da angústia, mas Roland Petit era apenas um artista que queria viver a sua época. Os tempos em que Claude e Margaret se tinham conhecido estavam longe. Uma segunda Guerra Mundial havia ensanguentado a Europa, e a juventude enfrentava problemas graves. Na sua grande maioria, a gente nova carecia de empregos e de alojamentos, e estava subalimentada. A vida não era fácil para os jovens. E injusto seria pedir-lhes que não fugissem da vida tradicional.

Roland Petit queria fazer reflectir na dança as preocupações da juventude, adaptando os bailados às novas concepções de vida. Assim nasceu «O jovem e a morte», um «ballet» criado segundo um poema de Jean Cocteau, com música de Jean Sebastian Bach.

Era a história de um jovem que tinha perdido, através de múltiplas desilusões, a esperança na vida e que, seduzido pelo aspecto belo e cativante da Morte, se deixava prender pelas malhas do suicídio. No último momento, porém, o jovem descobria a verdadeira face da Morte, com todo o seu cortejo de horrores. Então, repelindo a Morte e voltando de novo para a Vida, iluminado por um raio de sol que



**A vida do lar era a única preocupação de Leslie. Não abandonava nunca os afazeres e o arranjo da casa pelas reuniões elegantes nos clubes nocturnos. Era simples — e queria viver com simplicidade**



**A Metro, depois de «Um Americano em Paris» quis experimentar Leslie Caran como actriz dramática. Assim, deu-lhe um papel secundário no filme «O Homem das sombras», interpretado por Joseph Cotten no papel de Edgar Allan Poe. Mas a jovem actriz, apesar da sua inexperiência, saíu brilhantemente da prova prestada**



penetrava na habitação, contemplava o horizonte, sentindo renascer na alma a esperança, enquanto os seus olhos se erguiam para o céu azul.

Leslie Caron desempenhou o papel de Morte com tanta habilidade que, apesar dos seus verdes anos, ficou desde logo consagrada como uma bailarina de invulgar talento.

Toda a imprensa de Paris lhe rendeu calorosa homenagem. E a companhia de Roland Petit foi solicitada para dar várias representações em inúmeros países.

★

O Egipto foi um dos primeiros países que Leslie Caron visitou.

Naquele tempo, o Rei Faruk estava ainda no trono do país. Ao conhecer a jovem bailarina, o monarca ofereceu-lhe um camelo para a transportar, numa excursão, até às famosas Pirâmides dos Faraós. Leslie Caron aceitou, encantada. Mas Harriman, a bela esposa de Faruk, não gostou da francesinha, devido às acentuadas inclinações que o monarca experimentava pelas mulheres europeias... E quando Faruk pretendeu convidar Leslie Caron para uma visita ao Palácio Real, Harriman sustentou uma formal oposição, obrigando-o a desistir do que poderia ser um despretensioso acto de cortesia...

Depois de uma breve «tournée» pela Grécia, os «ballets» de Roland Petit, agora com Leslie Caron na situação de primeira bailarina, que arrebatara, em luta leal, à grande bailarina Violeta Verdy, partiram para a Inglaterra, onde conheceram um retumbante êxito, que culminou com uma recepção no Palácio de Buckingtan, residência da família real inglesa.

A Rainha Isabel quis cumprimentar Leslie pessoalmente. Em retribuição, Leslie ofereceu à Rainha um bonito ramo de flores.

★

Leslie Caron tinha atingido assim os 21 anos.

A sua vida, até esta idade, decorrera sob dois signos: o do trabalho e o do êxito.

Leslie tinha sido recompensada de todos os esforços despendidos pela rápida evolução da sua carreira e do seu precoce talento. Era uma bailarina célebre e todo o mundo culto aguardava as suas exibições com interesse.

O seu estilo ágil, fino, de uma impressionante maleabilidade, tinha-se imposto em todos os meios que praticavam e admiravam a arte de Terpsicore. Ninguém, até então, encarnara o «ballet» com tanta juventude e optimismo. À gente nova angustiada em 1945 pelas duras consequências da guerra, Leslie respondera com um sorriso, um olhar afectuoso, um gesto terno.

Entretanto, a hora do amor ainda não chegara para Leslie Caron.

★

Um homem de cinema, um actor, acabara de chegar a Paris. Era famoso e o seu êxito chegara a todos os países. Embora novo, os seus filmes contavam-se já por duas dezenas. E, no entanto, Paris atraía-o irresistivelmente, como um verdadeiro amor juvenil.

Gene Kelly deixara-se entusiasmar pelas belas perspectivas da capital da França, pelo espírito alegre dos artistas parisienses, pelo bulício dos jovens do Bairro Latino e de Saint Germain des Près, pelo colorido de Montmartre, pela imponência da Bastilha.



**Os vestidos de Leslie primaram sempre pela simplicidade em contraste com o luxo espaventoso das vedetas de Hollywood.**



**Como recompensa das brilhantes provas prestadas, Leslie Caron obteve um dos principais papéis de «A história de 3 amores», que reuniu dez dos mais consagrados artistas de Hollywood. Farley Granger desempenhou a seu lado o principal papel masculino da primeira história.**

Como todos os jovens turistas, Gene Kelly deixara-se arrastar pelas aventuras que Paris oferece aos estrangeiros.

Não tardou a imaginar um filme que materializasse a emoção e o deslumbramento que a cidade da luz lhe provocara.

Enviou vários telegramas a Hollywood e viu as suas ideias aprovadas. Nasceu assim «Um americano em Paris».

Mas Gene Kelly necessitava de uma bailarina apropriada. Decidiu passar uma temporada na capital da França, para procurar a parisiense ideal, capaz de o enfeitiçar e, ao mesmo tempo, de lhe ensinar os mistérios da elegância francesa e da subtileza do espírito francês.

Percorreu casas de modas, escritórios, teatros...

Teve milhares de ofertas. Dezenas de artistas profissionais procuraram-no para se candidatarem a «estrelas» do novo filme, mas em vão.

Não tinha havido um concurso de beleza a que Gene Kelly faltasse. O seu hotel era assediado por modelos, empresários, pais de raparigas que queriam entrar para o cinema...

Gene Kelly passou por uma odisseia que daria vasto assunto para outro filme, certamente mais divertido.

★

Já desesperado pela inutilidade das suas démarches, Gene Kelly acorreu ao teatro dos Champs Elysées para ver o famoso «ballet» de Roland Petit.

Mas, ao ver aparecer Leslie Caron, já não pôde seguir o espectáculo. Ficou deslumbrado com os movimentos coreográficos, a graça e a finura da pequena bailarina. Era a rapariga que procurava! Uma verdadeira parisiense!

Gene Kelly correu aos bastidores como louco.

— Eh! — gritou-lhe o porteiro, surpreendido com o intruso. — Não pode estar aqui!

— Sou Gene Kelly!

O velho funcionário estava demasiado atónito com as atitudes esbaforidas do desconhecido visitante, para poder supor que se tratava de um «astro» célebre do cinema. Tentou expulsá-lo, sem lhe prestar ouvidos. O bulício provocado pela recusa de Gene Kelly atraiu os polícias do teatro e até as bailarinas, companheiras de Leslie, interromperam o espectáculo para ver o que se passava.





**À ESQUERDA: Sem saber, a princípio, a posição social do seu marido, Leslie Caron casou com Georges Hormel, filho do milionário «rei das conservas», um rapaz com muitos complexos e excentricidades. Apesar de tudo, porém, ambos viveram, nos primeiros anos do casamento, em perfeita felicidade.**

**EM BAIXO: Quando o marido partiu para a Coreia, Leslie, que suspendera a sua actividade nos estúdios, soube esperá-lo em casa com paciência e abnegação.**

No momento em que um polícia dava voz de prisão a Gene Kelly, uma das bailarinas interveio aflitivamente:

— Não o prenda! É o Gene Kelly! É o Gene Kelly, o grande actor!

O famoso artista viu-se logo rodeado carinhosamente por um grupo ainda mais numeroso, de onde não tardaram a sair os pedidos de autógrafos.

— Só me faltava isto! — suspirou Gene Kelly. — Não posso perder tempo!

Ao cabo de duros esforços, já que as suas admiradoras não o deixavam, conseguiu ter uma entrevista com Leslie Caron. Revelou-lhe o tema do seu filme. E ofereceu-lhe o principal papel feminino.

A jovem ficou satisfeita. Precisava, porém, de consultar os pais antes de poder dar uma resposta.

— Consulte-os pelo telefone, por telegrama, pela rádio, como quiser. Deixe já o espectáculo!









Com a sua peculiar graça, Leslie apenas acedeu a dar uma resposta passadas quarenta e oito horas.

Contudo, na vida também sucedem factos tão surpreendentemente felizes como os do cinema.

Na manhã seguinte, Leslie Caron recebia a visita do realizador francês Marcel Carné, que pretendia dar-lhe o primeiro papel feminino do seu próximo filme, «Julieta ou a clave dos sonhos».

Leslie preferiu o filme francês, em vez do de Gene Kelly. Resignado, este teve de continuar a procurar a «parisiense ideal», enquanto Caron, novamente bailarina, voltava ao Egipto com a companhia de «ballet».

★

Gene parecia desolado. Nenhuma das raparigas submetidas a provas tinha obtido o seu agrado.

Para cúmulo do azar, Gene assistiu, por acaso, à exibição de um documentário sobre a moda, em que Leslie aparecia vestindo um deslumbrante vestido de Christian Dior. A graça com que a bailarina apresentava esta criação da moda parisiense, acabou por deixar louco o actor americano.

Gene passou a enviar diàriamente dois telegramas a Leslie Caron, acompanhando pelos jornais a digressão da companhia. Servindo-se do telefone, procurava convencer os pais de Leslie a secundarem a sua proposta...

Até que por fim...

★

A companhia de Roland Petit regressava a Paris. Os fotógrafos, os jornalistas, os amigos, os admiradores apinhavam-se na estação dos Inválidos.

— Leslie! — gritou Gene.

A jovem retribuiu cordialmente a saudação do actor. Em seguida, beijou os pais.

Quando a família Caron tomou lugar no seu automóvel, Gene aproveitou a porta aberta para se sentar ao lado de Leslie. Era a única maneira de não a deixar escapar.

Ao cabo de 24 horas, Leslie assinava um contrato a longo prazo para a Metro Goldwyn Mayer. Sete dias depois, partia para Hollywood.

★

Começou assim a fulgurante carreira de Leslie Caron.

«Um Americano em Paris», o seu primeiro filme, demonstrou que Gene Kelly não se tinha enganado. Com efeito, Leslie revelara-se uma grande artista, com possibilidades para trilhar todos os caminhos da glória.

Em Hollywood, Leslie não arrefeceu a sua ânsia de estudar. Além de dançar continuamente, aperfeiçoava o seu domínio da língua inglesa e estudava, como se precisasse, arte dramática.

Ao chegar a Hollywood, a Metro Goldwyn Mayer tinha reservado dois «appartments» para Leslie no Beverly Hotel, o mais elegante e sumptuoso da cidade. No dia seguinte, Leslie mudara de alojamento. Motivo: economias...

A primeira aparição de Leslie nos estúdios causou sensação. Todos queriam conhecer a «boneca de Paris», que tanto interesse lhes despertara através do documentário sobre modas que Gene Kelly enviara à Metro Goldwyn Mayer, para que julgassem das suas possibilidades.

Leslie, rapariga prática, apareceu com um trajo de trabalho que utilizava no Teatro des Champs Elysées: blusa e calças de lã negra.

A sua maneira de se pentear também causou estranheza. Levava o cabelo cortado à «garçonne» e com um simples

**Pela sua interpretação em «Lili», Leslie Caron esteve entre as candidatas ao «Oscar» de Hollywood, recompensa que razões certamente estranhas ao cinema lhe negaram. Mas o Festival de Cannes soube distinguir o seu trabalho, concedendo-lhe uma menção especial pela sua «encantadora interpretação». Nas imagens à esquerda vemos Leslie, em cima, caminhando com Mel Ferrer, Óscar Levant e Jean Pierre Aumont; ao centro, discutindo com a famosa Zsa Zsa Gabor, e em baixo a ser violentamente esbofeteada por Mel Ferrer.**



**«Lili» permanece ainda como a coroa de glória de Leslie Caron.**



**Cinderela (Leslie Caron) recebe o beijo do seu Príncipe Encantado (Michael Wilding). Mas uma distância incomensurável separava o filme «O Sapatinho de Cristal», da realidade cotidiana.**

madeixa na frente. Parecia uma criança.

O realizador Vincent Minnelli deu imediatamente ordem para que o caracterizador, a modista e a cabeleireira a transformassem de acordo com as exigências do filme.

As primeiras cenas filmadas de «Um Americano em Paris» demonstraram, desde logo, as amplas possibilidades de Leslie. Outros realizadores acorreram a oferecer-lhe papéis no seus próximos filmes.

Mas ninguém conseguiu descobrir a maneira de lhe fazer compreender qual deveria ser o seu comportamento como estrela de cinema. Leslie, na vida corrente, não tinha «poses». Desprezava o luxo, não frequentava as reuniões da alta sociedade. Não tinha «flirts», nem usava atitudes provocantes.

Para mais, o irmão mais novo de Leslie, Cláudio, então com 18 anos, tinha chegado também a Hollywood. E com o mesmo espírito trabalhador já demonstrado pela sua família, procurara emprego e aceitara, durante o tempo da sua permanência na América, um lugar de porteiro nos estúdios da Metro.

Hollywood, estupefacta, assistiu assim ao caso insólito de uma estrela que, apesar de ser o último grito da moda cinematográfica, passava a vida fora dos estúdios varrendo, cozinhando, costurando e administrando uma casa, ao seu próprio serviço e ao de um porteiro da Metro Goldwyn Mayer.

Passado algum tempo, Cláudio deixou de ser porteiro. Estabeleceu-se nas ilhas Virgens, próximo da Califórnia e fez fortuna vendendo material para a pesca submarina.

★

A carreira cinematográfica de Leslie Caron, após «Um Americano em Paris» (An American in Paris), realizado por Vincent Minelli, com Gene Kelly, Oscar Levant e Georges Guétary, continuou com um filme onde as suas qualidades de bailarina e cantora não tiveram de ser postas à prova: «O homem das sombras» (The Manwith a cloak) com Joseph Cotten e Barbara Stanwick.

Neste filme, Leslie Caron demonstrou novamente os seus magníficos dotes para papéis de ingénua. Muitos críticos, ao apreciarem a sua interpretação, recordaram a singularidade do estilo de Danielle Darrieux nos seus primeiros tempos de actriz cinematográfica.

Em seguida, Leslie interpretou «Glory Alley», ao lado de Ralph Meeker — o seu único filme que não veio a Portugal. Além de cantar com uma graça sem igual, a novel actriz, apesar da sua juventude, imitou Marlene Dietrich com muito valor.

O calendário assinalava o mês de Junho de 1952.

O realizador Vincent Minnelli, não a esquecera. Durante as filmagens de «Um Americano em Paris» tivera largo ensejo para constatar as qualidades natas da jovem bailarina. Ao preparar «A história de três amores», o consagrado realizador não hesitou: chamou-a a interpretar um dos «sketches» do filme ao lado de Farley Granger.

O grande êxito mundial de Leslie, porém, viria a ser «Lili», que a consagrou como uma magnífica e súbtil figura do cinema romântico.

Um dos mais maravilhosos filmes sentimentais da história do cinema, «Lili», arrancou em todo o mundo doces lágrimas de encanto a milhões de espectadores. A interpretação de Leslie Caron, ao lado de Mel Ferrer, Jean Pierre Aumont e Zsa Zsa Gabor, chegou a ser indicada para o «Oscar» anual da Academia de

**A alegria esfusiante de Leslie Caron encontrou no ex-marido de Elizabeth Taylor um companheiro ideal, no filme dos mesmos autores de «Lili».**





# Os surpreendentes bailados de LESLIE CARON com GENE KELLY e FRED ASTAIRE



Depois de Ginger Rogers ter abandonado a arte de Terpsicore, o cinema esteve longo tempo sem encontrar, exceptuando talvez Cyd Charisse, uma bailarina à altura de contracenar com esses dois gigantes da dança que se chamam Gene Kelly e Fred Astaire. O êxito espantoso que Leslie Caron obteve filia-se também no facto de ter imposto o seu talento num campo onde pràticamente ainda hoje não tem concorrentes. Os surpreendentes bailados que nos deu ao lado dos dois grandes bailarinos do nosso século, chegaram, por si só, para atestar as excepcionais qualidades de Leslie Caron, sem dúvida a mais bela descoberta do cinema no campo da dança





Hollywood. Mas outras razões mais altas do que o talento levaram o júri a tomar uma decisão diferente e injusta pelo menos em relação ao ponto de vista do público.

A melodia «Lili», gravada em disco, atingiu um recorde de vendas na América, classificando-se como uma das mais belas composições da música moderna. As principais orquestras do mundo incluiram-na no seu reportório...

Deu-se então o inevitável: a rádio e a televisão apoderaram-se de Leslie Caron. A francesinha de voz suave e olhar doce que triunfava na América, deixou de pertencer a Hollywood.



No dia 1 de Julho de 1955, ao festejar o seu 25.° aniversário, Leslie teve a grande alegria de receber a visita de seus pais, que tinham deixado a França para matar saudades da filha triunfante.

Por capricho do destino, os jornais do dia 1 de Julho anunciavam a estreia do Ballet de Roland Petit em Nova Iorque. Presa de incontível alegria, Leslie Caron tomou um avião para a grande cidade dos arranha-céus e, na companhia de seus pais, e de todos os seus antigos companheiros, pôde celebrar em pleno coração de Mannhatan, a festa do seu aniversário.

Era maravilhoso poder estar novamente junto de todos os entes queridos. Leslie não escondia a sua emoção. Tinha triunfado à custa do seu próprio esforço, do seu talento e da sua vontade. Mas jamais conhecera uma alegria igual como a que fazia agora palpitar mais depressa o seu coração...

As frechas de Cupido espreitavam-na...

★

Simona Montegoy, uma jovem bailarina da companhia de Roland Petit, antiga companheira de Leslie, conhecia uma família americana.

— Queres vir comigo? — perguntou ela. — Conheço em Nova Iorque um grupo de estudantes que me convidou para uma festa. São filhos de uma família que conhece os meus pais e que vive em Boston.

**Sem ser bonita à maneira das linhas clássicas dos gregos, Leslie Caron tem um rosto fascinante, de uma pureza que toca o mais fundo da nossa sensibilidade**



**Eis a reprodução de um quadro da autoria de um pintor americano, dedicado à Leslie Caron por ocasião da estreia de «Lili».**

Leslie anuíu ao convite, para não contrariar a amiga. Gostava pouco de reuniões de sociedade.

A festa proporcionou a Simone Montegoy conhecimento com um estudante de ciências chamado Tommy Hormel. Entre ambos nasceu o que se costuma chamar «amor à primeira vista».

Simone, poucos dias depois, tomava a decisão de abandonar a companhia de Roland Petit para se dedicar à vida conjugal com o jovem estudante.

Leslie Caron, convidada para madrinha do casamento, ficou em Nova Iorque a fim de assistir à boda da sua amiga e antiga companheira.

Tommy Hormel tinha um irmão em Los Angeles. Leslie pôs-se em contacto, por motivos da boda, com o futuro cunhado da sua amiga Simone. Chamava-se Georges Hormel e era um rapaz extravagante, simpático e bonacheirão, que abandonara os estudos e tocava numa orquestra de jazz.

— Vou ensinar-lhe o bogie-woogie, Leslie — propôs ele, pouco depois de terem travado conhecimento.

Leslie achou graça ao despreocupado rapaz. Para ser amável, convidou-o a passar umas curtas férias em Hollywood.

Tão depressa como tinham travado amizade, Leslie e Georges passaram a frequentar juntos todas as «boites» da capital do cinema. Criaram assim uma intimidade que não tardaria a dar os seus frutos.

Desde que acamaradava com Georges, Leslie sentia-se outra. Gostava de aparecer em todas as reuniões elegantes. Aproveitava os fins de semana para excursões e piqueniques. Aprendia o «boogie-woogie» e não desdenhava dos hábitos extravagantes da mocidade americana.

Georges Hormel, convidado com frequência pelos irmãos Caron, fazia tanto barulho com os seus instrumentos musicais que o senhorio queria expulsá-los de casa.

Com efeito, Georges sabia tocar treze instrumentos. Andava empenhado na preparação de um invento que viria a fazer sensação.

Tratava-se de um instrumento que deveria dar todos os os sons de uma orquestra, sem precisar de mais de um executante.

Aproveitando diversas bandas magnetofónicas, Georges tocava sucessivamente as partituras dos diferentes instrumentos do conjunto musical e, depois, através de uma montagem técnica e de uma gravação habilidosa, transmitia simultâneamente o registo musical, o que dava a impressão de uma verdadeira orquestra.

Apesar de tudo, Georges era no fundo um jovem tímido. Os mexeriqueiros de Hollywood já comentavam a assiduidade dos seus passeios com Leslie Caron, mas o «jazz-bandista» não se decidia.

Um dia, preparou as malas e partiu, sem uma palavra de despedida.

Lágrimas abundantes brotaram dos olhos de Leslie, que não podia descortinar a razão de semelhante atitude. Por seu lado, Cláudio Caron estava vermelho de indignação.

Dias depois, a campainha do telefone tocou inesperadamente. Era uma chamada de Los Angeles.

— Leslie? Sou Georges. Não voltarei sem me prometeres que casas comigo.

Georges voltou. A boda teve lugar na mais restrita intimidade: Leslie tinha-se adaptado já aos costumes americanos...

★

O Natal chegara. Em Paris, como em todo o mundo, celebrava-se a grande festa cristã. Os pais de Leslie estavam, com a avó, junto da árvore de Natal. Tinham sintonizado o rádio numa emissora americana, para escutar os cânticos tradicionais dos Estados Unidos.

De repente, soaram pancadas na porta. Era um boletineiro que trazia um telegrama. O pai Claude assinou e leu: «Casei-me. Chama-se Georges Hormel. Tem 23 anos. Amo-o. Sou feliz. Muitos beijos. Leslie».

★

Entre paisagens de neve, o expresso de San Francisco-Boston, conduzia o jovem casal. Georges ia apresentar a esposa a seus pais.

Antes de subir para o comboio, Leslie comprara os jornais da manhã. Nas «notas da sociedade» vinha a notícia do seu casamento.

«A célebre actriz cinematográfica, Leslie Caron, contraíu matrimónio em Hollywood, com Georges Hormel, o filho de Jay Hormel, o milionário da empresa de conservas «Hormel & Ca.».

— Então não és um músico de jazz? — inquiriu Leslie, estupefacta e inocente.

Ele não respondeu. Limitou-se a sorrir enigmàticamente, como se não precisasse de outros argumentos para justificar a sua atitude.

Antes de chegar a Boston, Leslie teve de se convencer que desposara o filho do «rei das conservas».

Os esposos Hormel acolheram os recém-casados com toda simpatia.

Leslie contou-lhes como tinha andado iludida ao supor que Georges era um simples músico de orquestra e como descobrira a verdade ao ler a notícia do seu casamento nos jornais.

O velho Jay Hormel sorriu:

— Que invejosos são estes jornalistas! Dizem que tenho sete milhões de dólares, como se soubessem a minha fortuna. Se os meus sócios lêem esta notícia, julgam que desfalquei metade do capital!

★

Leslie sentiu-se imediatamente como que em sua casa. Por um capricho da vida, a família Hormel parecia-se com a sua. A mãe de Georges era francesa. O casamento nascera graças às relações que a França e a América tinham mantido durante o conflito de 1914-1918.

A felicidade de Leslie não podia ser mais completa. O casamento proporcionava-lhe, além do amor, uma vida sem preocupações e com todo o confôrto. Quando o marido se ausentava, tinha os sogros a seu lado, oferecendo-lhes amizade, carinho e protecção.

A América ficou em pânico quando rebentou a guerra na Coreia. As forças militares dos Estados Unidos, enviadas no dia seguinte em defesa do governo de Sighman Rhee, deixaram muitos lares sem pais e sem irmãos, mobilizados para uma guerra dura e implacável.

Georges Hormel não escapou à mobilização. Integrado na infantaria, partiu para a Coreia distante e desconhecida.

Leslie aceitou, conformada, a partida do marido. Era ainda pouco mais que uma criança. Georges era simpático e amava-a. Ambos viviam um autêntico conto de fadas. Ela não encontraria nunca outro príncipe encantado, tão fino, tão educado, tão romântico e tão belo.

Para esquecer a ausência do marido, Leslie entregou-se à prática de artes domésticas. Los Angeles não tardou a saber que a encantadora intérprete de «Lili» era uma magnífica cozinheira, que preparava bolos deliciosos. De Paris, a avó de Leslie enviava-lhe as receitas dos melhores manjares franceses...

Mas Leslie, embora alegre, sociável e cheia de vida, não revelava a ninguém quanta melancolia albergava o seu coração pela demora do regresso do seu esposo...

★

Por fim, Georges regressou. Tiveram uma nova lua de mel. Dir-se-ia que Leslie nunca tinha conhecido tanta felicidade.

— A coisa mais maravilhosa que pode acontecer a uma rapariga é estar casada — declarou ela aos jornalistas que a entrevistaram durante umas férias em Nova Iorque. — A minha carreira? O que é a minha carreira comparada com o meu casamento? Georges é agora a coisa mais importante da minha vida. Além disso, queremos filhos, muitos filhos; as mulheres francesas gostam de famílias grandes. Se Georges quisesse, eu abandonaria a minha carreira. Georges é



meu marido e eu aceitarei todas as suas decisões.

Acedendo a um antigo desejo de ter uma casa própria, Georges e Leslie instalaram-se em Las Vegas, localidade que lhes permitia, pela sua proximidade com Hollywood, permanecer em contacto com os meios cinematográficos e organizar a sua própria vida, tanto mais que em Las Vegas era possível encontrar, a baixos preços, vivendas elegantes à venda.

Acrescia que, graças às obras mandadas realizar ali pelo Governo, em consequência das experiências termonucleares que tinham lugar na região, Las Vegas estava a modernizar-se e dispunha de potentes meios de transporte para qualquer ponto da América.

★

Georges não quis solicitar a seu pai dinheiro para a aquisição da vivenda. E, por outro lado, não quis também que Leslie colaborasse no que viria a ser um prazer para ambos.



**Ao lado de Roland Petit, o homem que a lançou no mundo da dança. Leslie Caron sofreu a sua segunda desilusão de amor.**

Comprou a vivenda a prestações. E, trabalhando afincadamente no seu invento, conseguiu aperfeiçoá-lo. Registou-o e vendeu a patente a um industrial de Chicago.

Insatisfeito, conseguiu gravar discos servindo-se de fitas magnetofónicas segundo o seu invento.

«Chinatown Mag Chinatown» — um dos seus discos — adquiriu grande fama, que espalhou por toda a América o nome de Georges Hormel. Na realidade, não podia deixar de causar espanto um disco em que um só homem tocava quatro pianos, uma guitarra, uma harpa eléctrica e um órgão. Era um trabalho de virtuosismo verdadeiramente sensacional.

Leslie Caron continuava na inactividade artística a que o casamento a forçava. Sentia já saudades da arte de Terpsicore.

1953 foi um ano desastroso para o cinema americano. Hollywood esteve em crise. A televisão desenvolvera extraordinàriamente os seus tentáculos, infligindo prejuízos sem conta ao cinema. Os produtores começavam a estudar os écrans gigantescos para fazer face à concorrência da TV. Mas a crise continuava e muitos artistas viram-se sem trabalho nos estúdios.

Leslie recebeu uma carta de Roland Petit convidando-a a desempenhar a principal figura feminina do seu novo ballet «A bela adormecida do bosque». Mas ela estava presa por contrato à Metro Goldwyn Mayer. E a Metro não estava disposta a prescindir dos seus serviços.

Uma vontade irrefreável de dançar de novo, de caminhar sobre as pontas dos pés, de sentir os aplausos calorosos do público, tomou posse de Leslie, obrigando-a a esquecer tudo. Sentia também



saudades de Paris e de seus pais que tinham regressado à terra-mãe.

Leslie não desistiu das suas diligências junto da Metro para que a deixasse voltar, temporàriamente, à companhia de Roland Petit. Passou a abordar em cada dia uma personalidade da Metro. A companhia do Leão acedeu por fim, ao ver que a insistente pressão da jovem bailarina não tinha outro remédio.

Louca de alegria, Leslie Caron tomou o primeiro avião. Desembarcou em Monte Carlo, onde iria ter lugar, perante Sua Alteza Real o príncipe Rainier do Mónaco, a estreia do ballet «A bela adormecida do bosque».

A 10 de Janeiro de 1954, Leslie chegava, outra vez, à Broadway, como primeira estrela da companhia de Roland Petit, que apresentaria o novo «ballet» «Luto em vinte e quatro horas», uma espécie de pantomina sobre as empregadas das tinturarias, no estilo do célebre ballet «As tintureiras», apresentado no Teatro des Champs Elysées, em Paris. Tratava-se de uma peça fàcilmente adaptável ao estilo do music-hall do Radio City da Broadway.

No decurso da representação, produziu-se um acidente, que teve como consequência a queda dos cenários. Leslie Caron ficou ferida e teve de ser transportada para o hospital.

Georges não se incomodou a visitar a esposa durante o internamento. Soube-se assim que as coisas não deviam correr bem entre os esposos Holmer, o que deu lugar a toda a espécie de rumores.

Apesar do silêncio que ambos os cônjuges mantinham oficialmente sobre o assunto, depressa se soube que Georges Hormel acusava a esposa de crueldade mental e que preparava uma acção judicial em que pedia o divórcio aos tribunais de Los Angeles.

Quando se restabeleceu do desastre que sofrera, Leslie Caron declarou aos jornalistas:

— As nossas profissões impunham-nos uma vida que, tanto para mim como para Georges, não era a mais adequada para manter a felicidade.



**Robert Petit também não correspondeu aos anseios de amor da jovem bailarina.**

Na realidade, o que acontecera a Leslie e a Georges era bastante vulgar em casamentos de artistas. No princípio, tudo tinha corrido bem, porque o amor ocultava a realidade. Mas o êxito, infelizmente, não acompanhara os dois ao mesmo tempo. Leslie subira a escada do triunfo mais depressa, enquanto Georges, incapaz de a acompanhar, tinha ficado contemplando com humilhação a ascensão da esposa. Pouco a pouco, o seu amor-próprio tornara a situação insustentável, até que rebentou a catástrofe.

Talvez as coisas tivessem seguido um rumo diferente se Georges fosse mais bafejado pelo êxito do que sua esposa. O

orgulho varonil do filho do milionário não suportava a ideia de que a esposa pudesse triunfar, enquanto ele se limitava a ficar na sombra dos fracassados.

Georges Hormel empenhara-se em seguir a carreira musical, menosprezando o lugar que tinha assegurado nas importantes fábricas de seu pai. Como homem de negócios não sentiria inveja pelos êxitos artísticos de sua esposa: teriam campos de acção distintos e cada um viveria em mundos diferentes. A comparação profissional não chegaria a estabelecer-se.

Ao querer triunfar na arte musical, Georges deitou a terra à semente do malogro do seu casamento. Os primeiros êxitos que obtivera como compositor deram-lhe volta ao juízo, levando-o a supor que poderia também ser bafejado pelo êxito retumbante que consagra



**Jack Larson, o actor da TV americana, esteve apaixonado por Leslie, mas o seu romance falhou.**

o nome de um artista para toda a vida. Vira-se obrigado a lutar, percorrendo cidades e batendo a todas as portas, para conseguir que as suas composições fossem escutadas. Mas ouvira quase sempre uma resposta desanimadora: «Não interessa».

A situação prolongava-se, alterando o humor de Georges, tornando-o carrancudo e irritável.

Entretanto, Leslie seguia uma marcha triunfal que parecia não ter fim. Ganhava dinheiro, muito dinheiro: Toda a imprensa publicava o seu nome em grandes letras e apreciava o seu trabalho no cinema, concedendo-lhe elogios sem reservas.

O carácter doce e tranquilo de Leslie não pudera apagar da mente de Georges a ideia de se sentir um homem fracassado. O ambiente em casa tornara-se tenso e perigoso. Era preciso meditar as palavras, estudar as expressões, amortecer o clamor do triunfo que chegava dos mais distantes pontos do mundo e que poderia ferir o esposo amado.



**Leslie tornou-se uma rapariga melancólica e triste, que não acreditava nem nos homens nem na vida.**

Apesar de todos os esforços de Leslie, a alegria confiante dos primeiros tempos desaparecera.

Por fim, George apercebera-se de que já nada lhe restava fazer para conter as humilhações. Ninguém o conhecia como Georges Hormel, compositor musical, mas sòmente como «o esposo de Leslie Caron». Era um esposo que ficava em casa enquanto a mulher trabalhava todo o dia nos estúdios. Era um homem que não ganhava dinheiro e vivia luxuosamente graças ao dinheiro da esposa. Era alguém que não vivia por si mesmo, mas como marido de uma «estrela» famosa.

Georges não pôde resistir mais e preferiu a separação, o divórcio. Lamentável, mas humano.

★

Quando o tribunal decretou a sentença do divórcio, Leslie compreendeu que não devia ter casado tão impulsivamente. Os seus sonhos tinham caído todos por terra. Estava desnorteada, sem saber o que fazer.

Entregou-se, então, com redobrado entusiasmo, à arte que era, afinal, a grande paixão da sua vida.

Mas o destino quis brincar mais uma vez com o seu coração.

Fosse porque a vida sem amor lhe parecesse incompleta, fosse porque quisesse esquecer o malogro do seu coração, ou fosse ainda porque só poderia ser feliz com um homem do seu mundo — Leslie veio a apaixonar-se loucamente por Roland Petit. Conhecia-o desde o princípio da sua carreira. Vivera a seu lado longas «tournées», interpretara com ele «ballets» inesquecíveis, tinham, enfim, conhecido os mesmos aplausos calorosos do público que os admirava.

A companhia de Roland Petit voltou a percorrer o mundo inteiro, com Leslie Caron dançando «A Bela Viúva» e saindo nas horas livres com o genial bailarino.

Leslie começou de novo a sorrir...

Por vezes, alguns amigos convidavam-na a sair e ela aceitava, mas só na companhia de Roland parecia feliz e animada como dantes. Uma tarde escreveu a Georges, a quem, apesar de tudo, não guardava rancor:

«Quero levar uma vida artística intensa».

Na realidade, porém, tudo o que Leslie queria era o amor de Roland Petit... Não o revelava a ninguém, como se tivesse medo de sofrer uma nova decepção.

Mas os colegas da companhia, observadores perspicazes, como que adivinharam o que se passava.

Certa ocasião, num dos intervalos de ensaios, uma amiga disse:

— Sim, Leslie está apaixonada por Roland. Admira-o, respeita-o, considera-o um homem e um artista maravilhoso. Durante a «tournée», saíram sempre juntos em Londres, Norte de África, Nova Iorque, Washington e Monte Carlo. Tudo está muito bem, mas o pior é que Roland está apaixonado por Jeanmaire.

Jeanmaire era outra dançarina famosa e estava também a ser solicitada pelo cinema americano.

A amiga de Leslie tinha razão. Poucas semanas depois, Roland Petit e Jeanmaire casavam-se...

Leslie Caron sofreu em silêncio a segunda decepção da sua vida sentimental. Mas ninguém podia passar por duas experiências tão duras e ficar como se nada tivesse passado. Retraiu-se cada vez mais. Apesar do seu temperamento sociável e comunicativo, passou a evitar jornalistas e amigos.

Voltou a Hollywood, mas cheia de recordações. Precisava de esquecer o passado. O remédio era devotar-se intensamente ao trabalho.

Durante as filmagens de «O Sapatinho de Cristal», com Michael Wilding, reparou na diferença entre ela e Elizabeth Taylor, que soubera reagir ao desastre do seu pri-



**Uma cena de «Gaby», uma obra-prima do cinema em que Leslie Caron, ao lado de John Kerr, brilhou a grande altura**

meiro casamento com Nick Hilton (também simpático, atraente e rico...) e se casara depois com um homem bastante mais velho, mas de carácter sólido, com quem era feliz.

Leslie sentia-se só e infeliz no seu apartamento — pintado por ela a cinzento, a mesma cor da sua tristeza.

Quando algum admirador a convidava para sair, recusava, dizendo:

— Levanto-me demasiado cedo e trabalho todo o dia. Portanto, não posso sair à noite.

Terminado «O Sapatinho de Cristal», a Fox pediu Leslie Caron emprestada à Metro a fim de interpretar, ao lado de Fred Astaire, «O papá das pernas altas».

Leslie aumentou ainda mais o seu ritmo de trabalho, até ficar esgotada. Fred Astaire, que já trabalhara com as melhores bailarinas do cinema, maravilhava-se perante a energia da sua jovem companheira:

— Nunca vi ninguém capaz de trabalhar tanto. Esta rapariga tem uma energia e um senso de organização assombrosos. Quando alguém lhe explica um passo novo ou uma nova coreografia, ela ouve e observa com a máxima atenção, e só tenta dançar quando acha que compreendeu o que lhe foi explicado. E quando dança, só fica satisfeita se atinge a perfeição. É uma óptima dançarina e uma bela rapariga».

Logo que pôde, Leslie disse novamente adeus a Hollywood e voltou a Paris. Estreou-se no palco desempenhando o principal papel feminino da peça de Jean Renoir intitulada «Orvet».

— Vocês pensam que eu estou triste, mas eu sou muito feliz — repetia ela aos amigos que a visitavam nos bastidores.

Mas ninguém acreditava. Bastava olhar para aqueles olhos azuis tão grandes, agora tão desesperados e outrora alegres e brilhantes.





# QUADRO DOS FILMES interpretados por LESLIE CARON

| Anos | Títulos dos filmes | Outros artistas | Realizador | Estúdios |
|---|---|---|---|---|
| 1950 | *Um americano em Paris* ('An American en Paris) | Gene Kelly Oscar Levant Georges Guétary | Vincent Minnelli | Metro |
| 1951 | *O homem das sombras* (The man with a cloak) | Joseph Cotten Barbara Stanwyck Louis Calhern | Fletcher Markle | Metro |
| 1952 | Glory Alley | Ralph Mecker | Vincent Minnelli | Metro |
| 1953 | *A história de três amores* (Story of three hoves) | Farley Granger Ethel Barrymore | Charles Walters | Metro |
| 1954 | Lili | Jean-Pierre Aumont Mel Ferrer Zsa Zsa Gabor | Charles Walters | Metro |
| 1955 | *O Sapatinho de Cristal* (The glass Slipper) | Michael Wilding Keenan Wynn Roland Petit e os seus «Ballets» | Jean Negulesco | Metro |
| 1955 | *O papá das pernas altas* (Daddy long legs) | Fred Astaire Terry Moore Roland Petit e os seus «Ballets» | Curtis Bernhardt | Fox |
| 1956 | Gaby | John Ken Sir Cedric Hardwicke Taina Elg | Vincent Minnelli | Metro |
| 1957 | Gigi | Louis Jourdan Chevalier Maurice | | Metro |

ACTIVIDADE DE UMA ARTISTA * 7 ANOS DE ACTIVIDADE DE UMA ARTISTA

# Os 10 galãs dos filmes de LESLIE CARON



Gene Kelly
em
«Um americano em Paris»



Joseph Cotten
em
«O homem das Sombras»



Ralph Meeker
em
«Glory Alley»



Farley Granger
em
«A história de 3 amores»



Jean Pierre Aumont
em «Lili»



Mel Ferrer
em «Lili»



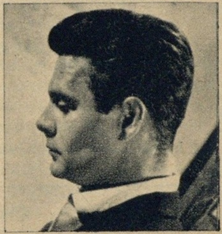
Michael Wilding
em
«O Sapatinho de Cristal»



Fred Astaire
em
«O papá das pernas altas»



John Kerr
em «Gaby»



Louis Jourdan
em «Gigi»

Leslie portava-se como uma rapariga estranha. Vivia um mundo estranho, rodeada de gente que só pensava na dança, de homens que só tinham olhos para a dança. Os sinais de desgosto que trazia estampados no rosto, não suscitava preocupações a ninguém.

Mas Cupido continuava a espreitar Leslie...

Ela travou conhecimento com outro Petit — Roberto Petit, o empresário do «Ballet» de Paris. Passaram a sair juntos, a frequentar as «boites», a serem vistos passeando ao longo do Sena.

Os boatos de que Roberto era, finalmente, o grande amor de Leslie Caron, apareceram sùbitamente nos jornais. Mas o pior estava no facto de que Roberto, exactamente como o seu homónino Roland, amava outra bailarina: Lilian Montevechi.

Leslie Caron não sabia agir em questões sentimentais. Olhava à sua volta e sentia-se inferior. Jeanmaire e Lilian tinham-na vencido fàcilmente na corrida do amor. Grande parte da culpa era sua. Apaixonara-se três vezes seguidas por homens que não lhe convinham, porque não lhe podiam dar realidade aos seus mais profundos anseios: um lar e os filhos com que sempre sonhara.

Georges ainda lhe dera um lar, mas um lar que se desvanecera com as ilusões de um casamento feliz.

A Metro chamou Leslie novamente aos seus estúdios de Culver City para filmar «Gaby», sob a direcção de Curtis Benhardt. Ela travou assim novos conhecimentos e retomou outros já quase esquecidos. Um jovem actor da televisão, Jack Larson, conhecia Leslie desde 1951, quando tinham sido apresentados um ao outro por Roland Petit.

Enquanto Leslie permaneceu em Holly-

**Leslie Caron não sabia agir em questões sentimentais. Olhava à sua volta e sentia-se inferior.**





**As filmagens de «Gigi» decorrem actualmente em Paris em pleno Bosque de Bolonha. Eis Leslie Caron e Louis Jordan, que desempenham os papéis de dois namorados parisienses, divertindo-se com um chapéu de palha do princípio do século.**

wood, presa às filmagens de «Gaby», saíram juntos muitas vezes, dançando hoje num restaurante e amanhã noutro.

Larson parecia gostar muito de Leslie. Interrogado por Louella Parsons, respondeu:

— Ela é uma pequena maravilhosa. Os anos e a vida fizeram com que mudasse um pouco e ficasse mais desconfiada e menos alegre. Mas farei tudo para que se sinta feliz, pois bem merece um pouco de felicidade!

Inesperadamente, quando acabou «Gaby», Leslie Caron fez a bagagem e veio para a Europa. Estava descrente de tudo e de todos, mas, fosse como fosse, Jack Larson não era ainda o Príncipe Encantado que poderia despertar o seu coração.

Um teatro de Londres ofereceu-lhe um contrato para interpretar, no palco, a célebre peça de Collette — «Gigi». Ela aceitou e partiu para a capital inglesa.

★

A direcção da peça estava a cargo de um jovem «metteur-en-scène» de 25 anos. Leslie Caron, quando o viu pela primeira vez, não pôde resistir a um sorriso de felicidade. O seu coração pôs-se a palpitar num ritmo desordenado. Ele era alto, belo e simpático e os seus olhos brilhavam de compreensão e ternura.

Durante os ensaios, ambos souberam que tinham a mesma idade: 25 anos. Souberam também que tinham muitas outras coisas em comum. Leslie Caron tinha, finalmente, a seu lado alguém que a compreendia e a amava sem reservas. Peter Hall estava encantado com a gentil e graciosa protagonista da sua peça.

Nem um nem outro quiseram furtar-se ao romance que, quase insensivelmente, nascia e se avolumava na sua vida cotidiana. Passaram a sair juntos, confiando no futuro. Como dois vulgares apaixonados passeavam pelas ruas de Londres, acolhiam-se no silêncio do Hyde Park e encostavam a cabeça um ao outro, enquanto o Outono não chegava... Leslie já requerera para Nova Iorque o divórcio de George Hormel...

Quando a estação das folhas mortas chegou, precisamente a 7 de Agosto de 1956, Londres assistiu, encantada, ao casamento de amor que Leslie Caron aguardava com tanta impaciência... O seu segundo marido — Peter Hall — era o «príncipe encantado» de um romance de amor que só poderia ser comparado à enternecedora história de «Lili»...

A dança deixou de ser a única grande paixão de Leslie Caron...

E, para remate de uma felicidade perfeita, quando a primavera rescendia de flores pelos jardins e pelos campos, Leslie deu à luz, num dia de Maio de 1957, uma criança encantadora, Christopher John Hall, que se tornou o enlevo dos seus pais...

FIM



**Finalmente, o amor acabou por lhe sorrir. E ao lado de Peter Hall, jovem encenador teatral inglês, ela vive agora um verdadeiro romance sòmente comparável ao de Cinderela.**

PARA ASSINALAR
O 10.º ANIVERSÁRIO
DA SUA EXISTÊNCIA

A AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

*orgulha-se de apresentar*

UMA LUXUOSA E INTERESSANTE EDIÇÃO
COMO NUNCA SE FEZ EM TODO O MUNDO

DESENHOS DE
**Carlos Alberto**



# TRAJOS TÍPICOS DE TODO O MUNDO

A colecção de cromos
que encanta os miúdos
e interessa aos graúdos

UMA SÉRIE DE CROMOS QUE REPRODUZEM AS VESTES CARACTERÍSTICAS DOS POVOS DE TODOS OS PAÍSES DO MUNDO.

À VENDA EM TODO O PAÍS



**N. 17**

**PREÇO 2$00**



